

## O fotógrafo e a história

Ivo Canabarro<sup>1</sup>

### Metamorfoses do olhar

Os fotógrafos se assemelham aos historiadores, pois ambos trabalham com realidades, as fotografias são fragmentos de uma determinada forma de ver o mundo, um recorte preciso que enquadra na bidimensionalidade uma ruptura temporal, produzindo um indicio de que algo aconteceu ou esteve ali por um determinado tempo. Os historiadores se apropriam destes indícios para a construção do conhecimento histórico. A aproximação dos fotógrafos com os historiadores, acontece na tentativa de conceber que o visual pode ser uma possibilidade de entendimento da história, trabalhar com a visualidade requer pensar toda uma perspectiva fragmentaria da realidade, é um olhar sobre o que já foi visto, ou seja, olhar através de um outro olhar. O fotógrafo lança o seu olhar sobre a realidade, enquadra os fragmentos e os perpetua para a memória, os historiadores se apropriam deste mesmo olhar na tentativa de buscar os significados destes fragmentos materializados na imagem.

Os historiadores que trabalham com fotografias sempre tiveram este interesse em entender a atuação dos fotógrafos nos seus contextos de pertencimento, pois a sua inserção em uma determinada realidade vai influenciar o seu olhar sobre a mesma. O olhar do fotógrafo é uma construção desenvolvida em todo o seu período de atuação e que depende de uma serie de experiências e saberes para sua configuração, o que nos interessa saber é a extensão de seu olhar, ou seja, o que realmente ele olha. O que chama a atenção dos historiadores é como o fotógrafo olha a sociedade, se o seu olhar é o mesmo de qualquer pessoa ou se ele é singularizado por uma determinada forma de ver, se ele olha exatamente como nós mesmos olhamos, ou se ele exacerba o simples olhar e lança uma outra perspectiva sobre a sociedade.

O olhar do fotógrafo sobre a realidade é uma mediação, ele procura compor suas imagens a partir de todo um conjunto conceitual de uma determinada época, percebida a

---

<sup>1</sup> Ivo Canabarro. Professor UNIJUI/RS doutor em história social UFF.

partir de uma certa forma de concepção visual sobre a fotografia, a mediação acontece na mediada em que ele está olhando influenciado por uma concepção da imagem construída

historicamente. O seu olhar mediado pela forma de ver de um tempo através de um equipamento que é a câmera fotográfica, sendo um olhar sintetizado pelas representações de uma época e pela tecnologia disponível no momento. O fotógrafo de certa forma constrói um olhar enquadrado, selecionado a partir de elementos subjetivos que caracterizam a sua forma de ver. Portanto, fica a interrogação para nós, historiadores, e aquilo que não foi enquadrado em sua forma de ver, como relacionar com aquilo que foi captado pelas suas imagens.

Seria mais sensato dizer os olhares dos fotógrafos pois cada um deles produz uma determinada forma de ver, mas para cada época podemos dimensionar um conjunto de elementos destes fotógrafos que constitui a visualidade da sociedade. Na fotografia fica mais complicado determinar exatamente o estilo de cada época, mas podemos perceber alguns elementos em comum nas diferentes formas de ver. Cada fotógrafo procura compor o que podemos chamar de campo de atuação, é a sua forma de se apresentar perante uma determinada sociedade a qual é o seu objeto visual, portanto, os elementos que aparecem enquadrados em suas fotografias pertencem a um tempo e sociedade. Neste sentido, podemos afirmar que os elementos visuais são plausíveis de serem alocados em um determinado contexto, nos apresentando com indícios de uma determinada realidade.

O fotógrafo constrói um conjunto de experiências ao longo de seu percurso de atuação, o seu olhar vai sendo moldado pelas suas diferentes atuações, naturalmente condicionado pelas representações criadas pelos diferentes grupos sociais. Mas o mais importante a ser esclarecido é que o conjunto das obras dos fotógrafos são elementos essenciais para criar a visualidade de um determinado período. Podemos constatar que existe uma circularidade destes elementos visuais, alguns dos quais são incorporados pelos demais fotógrafos que percebem algumas tendências de um certo período histórico. Por outro lado, ainda podemos constatar a indústria de equipamentos

fotográficos que produzem um determinado saber fotográfico, destinados aos consumidores destes equipamentos. Os saberes fotográficos circulam entre os produtores de imagens, sejam profissionais ou amadores. Estes saberes criam determinados conceitos sobre a fotografia e acabam sendo incorporados em diferentes espaços, geralmente tem como parâmetro uma concepção de fotografia estabelecida pelos fotógrafos mais renomados.

Os espaços de circulação dos fotógrafos é a própria sociedade, pois os atores sociais fotografados e os espaços físicos, sejam naturais ou arquitetônicos pertencem a um determinado contexto datado historicamente. As representações visuais produzidas são portanto, plausíveis de serem alocadas em determinado tempo e espaço. A própria história social da fotografia nos mostra, que em cada período, é utilizada uma determinada tecnologia e principalmente uma forma específica de olhar. Com isso podemos perceber que cada fotógrafo pertence a um determinado tempo, ele reflete isso em sua forma de se representar e de representar a própria sociedade. O fotógrafo se mostra com a fotografia, pois ela sintetiza a sua forma de ver o mundo, portanto, ela é o produto construído a partir de sua concepção de sociedade e mediada por um aparato tecnológico. As fotografias são expressões de seus criadores, nos mostram aquilo que vemos e os detalhes daquilo que, muitas vezes, não percebemos com um simples olhar, pois os recursos visuais na imagem são capazes de revelar dimensões do olhar que não estamos habituados a ver.

Ressaltamos de imediato que para nós, historiadores, é importante conhecer a obra de diferentes fotógrafos, sejam eles renomados ou simples atores sociais das regiões mais remotas. Os grandes e renomados fotógrafos procuram se destacar dos demais pela singularidade de seu olhar, ou pelo emprego de uma determinada tecnologia, muitas vezes estabelecidos em lugares nobres das cidades, fazem de seu ofício uma verdadeira obra de arte. Por sinal no século XIX, a fotografia era considerada como uma “arte fotográfica”. Mas ressaltamos que a história social da fotografia também é construída pelos fotógrafos que vivem em pequenas cidades, que fotografam pessoas comuns, representam um olhar mais direcionado para estes grupos sociais com menor poder aquisitivo, portanto, sua forma de representação visual

compreende a diversidade da própria cultura. Neste sentido, podemos ressaltar que a visualidade da sociedade é uma construção feita pela experiência de diferentes atores sociais, cada qual com o seu olhar e saber específico, lançando sobre a realidade uma determinada forma de abordagem. A fotografia não deixa de ser uma abordagem da sociedade, mais especificamente uma abordagem visual.

O exercício de tentar compor a visualidade de uma sociedade a partir da fotografia, é uma perspectiva que exige um trabalho de aproximação entre os diversos olhares dos fotógrafos, cada um deles com sua singularidade na sua forma de abordagem visual. O conjunto das obras nos propicia entender dimensões da sociedade representada pelos elementos visuais, estes mesmos são apresentados todos de forma fragmentaria, pois as fotografias são assim mesmo, pequenos fragmentos. Neste sentido, é preciso conhecer este conjunto de imagens para perceber as rupturas e possibilidades de continuidades com a aproximação de uma variedade de imagens. Os elementos visuais revelados nas fotografias são todos produzidos em uma determinada sociedade, a qual é percebida pelo fotógrafo numa certa perspectiva de enquadramento e, portanto, o que se produz visualmente é sempre uma escolha de abordagem. Para nós historiadores fica a possibilidade de trabalhar a partir de uma abordagem que o fotógrafo lança sobre a sociedade, mas temos a perspectiva de relacionar estes elementos visuais com os demais indícios a que temos acesso.

O enquadramento do olhar expresso na imagem fotográfica é um trabalho que exige do fotógrafo uma escolha da cena a ser representada, uma determinada forma de composição da imagem, o enquadramento, a iluminação e a perspectiva dos planos. Para compor tudo isso faz-se necessário o domínio de um certo saber fotográfico, o qual vai caracterizar o fotógrafo em seu campo de atuação. O fotógrafo realiza sempre uma mediação entre o seu olhar, a tecnologia e a sua abordagem visual, sua atuação é um ato consciente, pois ali está expressa toda a sua subjetividade e, portanto, o seu produto final a fotografia é o resultado de toda uma intenção. A imagem fotográfica que pode ser considerada como um produto cultural, está impressa a forma de ver e fazer do fotógrafo, sendo esta uma expressão visual. Nesta perspectiva, podemos afirmar que as imagens sempre representam uma determinada forma de ver, é sempre um exercício de

ver o que de certa forma já foi visto e que permaneceu materializado numa superfície sensível ou digitalizado num banco de dados, o que é mais comum na atualidade.

A sociedade é o cenário para a tomada das imagens, o que é produzido visualmente reflete de certa forma uma intenção de enquadramento, é uma verdadeira mistura de elementos propriamente físicos com dados subjetivos de quem produz a imagem e de quem quer ser representado por meio delas. A fotografia representa esta forma de ver que revela dimensões sensíveis e plausíveis de compor todo um conjunto de elementos que são indícios de que algo esteve ali por um determinado instante, o que realmente pertence a uma realidade. Neste processo de tomada de imagens, a figura do produtor representa objetivamente uma

intenção de abordagem de uma determinada realidade, sendo assim o fotógrafo é visto como um sujeito que atua sempre inserido em um determinado contexto, basta saber as suas intenções em abordar determinada forma de visão. Se ele olha com uma intenção circunscrita ao seu contexto, ou se ele condensa um olhar a partir de todo um saber fotográfico que circula entre diferentes espaços e contextos. Sendo assim, o que nos resta interrogar é realmente esta dimensão do olhar, a sua construção e sua abrangência para saber até que ponto o que se produz em um determinado contexto é realmente uma expressão específica daquele local, ou se é a condensação de um olhar mais amplo que abrange toda uma forma de ver, construída com as influências de diferentes formas de visão construídas historicamente. Agora cabe uma dúvida cruel para os historiadores, o olhar dos fotógrafos é limitado pela sua experiência em um determinado contexto, ou são construções que sintetizam outras formas de olhar sobre a sociedade.

### **Os fotógrafos como produtores culturais**

Os fotógrafos podem ser considerados atores sociais que se destacam por exercer uma determinada atividade profissional, capaz de revelar dimensões da realidade, são formas de ver materializadas pelas imagens. As fotografias são expressões fragmentárias de uma forma específica de olhar, são produtos culturais e ao mesmo tempo têm a capacidade de evidenciar a própria diversidade da cultura. Neste sentido, podemos constatar que a cultura consegue uma forma extraordinária de divulgação

através da imagem, podemos visualizar elementos de outros contextos, que constroem uma forma de nos ver e de ser visto pelos outros. Portanto, o fotógrafo também pode apresentar como um produtor cultural, que produz a fotografia como um produto da cultura e ao mesmo tempo possibilita a construção da visualização da mesma. Os historiadores e demais cientistas sociais discutem com propriedade esta capacidade que o fotógrafo tem de elaborar uma visão que revela a própria diversidade da cultura, é uma forma de atuação na sociedade capaz de contribuir para a constituição de uma perspectiva de entendimento das tessituras sociais, pois seu olhar marca a possibilidade de adentrar nos espaços mais inusitados possíveis e que são representados pela fotografia.

Esta possibilidade do fotógrafo de se apresentar como um produtor cultural é uma perspectiva de entendimento que o coloca em uma posição privilegiada na sociedade, pois produzir cultura significa um comprometimento social em estabelecer uma visão que marca a própria diversidade de uma sociedade. Entendemos que a sociedade apresenta uma tessitura complexa formada por diferentes grupos e suas devidas representações, portanto, é importante sabermos que tipo de visão o fotógrafo constrói sobre a sociedade, se ele consegue abordá-la de uma forma que consiga mostrar a sua complexidade, ou se meramente ele mostra alguns grupos específicos. Alguns fotógrafos produzem o que eles denominam de fotografia social, exatamente esta perspectiva de um olhar comprometido em mostrar as diferenças sociais, os grupos considerados como excluídos e os espaços ocupados pelos mesmos. Esta perspectiva da fotografia social coloca os fotógrafos numa outra posição, pois isso quase que exige dos profissionais um comprometimento social com as causas dos grupos considerados excluídos.

A sociedade vista pela fotografia é apresentada em perspectivas fragmentárias, é como um grande quebra cabeça, são pequenas partes que aproximadas nos oferecem uma visão de sua complexidade, mas de uma forma descontínua, é preciso entender a visualidade de um determinado período para termos uma visão mais detalhada. Cada fotógrafo contribui de alguma forma para formar este grande mosaico, são vários olhares que se materializam nas imagens mostrando tudo descontinuamente. Mas a

formação do mosaico é mais uma possibilidade de visualização das várias formas de vivências e seus atores sociais, é preciso compreender que as discontinuidades são expressões de uma determinada realidade, portanto, plausíveis de serem alocadas em um contexto social de pertencimento. A cada período histórico temos uma forma de expressão visual, ou seja, a sociedade é representada de uma determinada forma, estas representações são os nossos indícios para a sua compreensão. O importante a ser destacado é que a própria imagem também acompanha as distintas fases que a sociedade atravessa, como é um produto cultural ela está associada a suas diferentes formas de apresentação, ou seja, registra a perspectiva de como era vista a sociedade em uma determinada época, bem como as suas representações.

A fotografia registra as diferentes faces das representações, pois é uma expressão de como se gostaria que as coisas fossem vistas, naturalmente a fotografia também segue algumas perspectivas das representações visuais que são construções históricas. Mas as representações visuais procuram evidenciar um certo tipo ideal de visualização, neste caso o papel do fotógrafo é fundamental, pois ele tem a liberdade de mostrar aquilo que ele considera importante de ser mostrado. Alguns fotógrafos realmente extrapolam estes padrões de visualidade e mostram perspectivas inéditas da sociedade, criam um olhar que não está diretamente ligado aos padrões estéticos considerados ideais para uma certa época. Podemos constatar que alguns fotógrafos preferem permanecer em seus estúdios, produzindo imagens com um campo visual mais delimitado e seguindo as representações visuais consideradas dominantes. Mas, por outro lado, encontramos fotógrafos que tomam a sociedade como cenário para suas imagens e conseguem registrar dimensões inéditas visualmente, trazendo para o campo visual elementos que marcam as distintas experiências dos atores sociais fotografados.

A opção do fotógrafo de criar o seu próprio campo visual é uma perspectiva que o torna um produtor cultural por excelência, pois através de sua intervenção ele cria uma forma de ver inédita, isso mostra a sua postura de engajamento social, pois ele fica comprometido em se apresentar como um ator social que contribui de alguma forma para as mudanças na sociedade. Neste sentido, a sua contribuição é realmente mostrar a sociedade, fazer com que a mesma seja vista em suas peculiaridades, pois isso permite

mostrar os problemas sociais, os quais muitas vezes são totalmente ignorados. A visualização da sociedade e dos atores sociais nos permite fazer um diagnóstico das diferentes experiências vividas, permitindo uma circulação através da imagem de realmente como a sociedade é configurada. A divulgação das imagens fotográficas nos meios de comunicação de massa é mais uma possibilidade de compreender as tessituras sociais, bem como a situação em que vive a população. As imagens circuladas em exposições também constituem um variado panorama da abordagem visual nos permitindo adentrar em dimensões que trazem indícios de experiências sociais.

O fotógrafo que opta por colocar em circulação as suas imagens consegue ampliar o seu campo visual, desta forma contribuindo para que o grande público consiga perceber como a sociedade é abordada pela fotografia. A fotografia é um suporte visual que democratiza a informação, pois muitas vezes o discurso escrito não consegue transmitir os detalhes de uma determinada situação. A imagem tem este poder de informação de fazer-se compreender inclusive por quem não compreende o discurso escrito, isso coloca a fotografia como um dos grandes meios de circulação da cultura. Este potencial latente da fotografia, de se apresentar como um meio de circulação da cultura, exige de seu produtor, o fotógrafo, o comprometimento em produzir obras realmente significativas para se apresentarem com legítimos indícios das coisas que realmente aconteceram e, embora a imagem fotográfica seja uma representação, ela tem alguma ligação com a realidade. O fotógrafo sempre atua a partir das representações de uma determinada época, mas não deixa de ser uma abordagem, é realmente isso que nos interessa mostrar que as imagens expressam de uma certa forma uma maneira de ver a sociedade.

A atuação dos fotógrafos acompanha um processo histórico de mudança no olhar e também das transformações da própria tecnologia, tudo isso influencia diretamente no processo de produção das imagens. A tecnologia transformou-se muito desde os primórdios da fotografia até a atualidade, nas primeiras experiências da fotografia o processo de fixação da imagem era uma atividade desenvolvida pelos próprios fotógrafos, eles eram inventores e ao mesmo tempo artistas, pois tinham que inventar as técnicas de produção da imagem como um verdadeiro artefato. Nestas primeiras

experiências de tomada de imagens, ainda no século XIX, os fotógrafos realizavam experiências de fixação da imagem a partir da invenção das próprias câmeras e dos processos de sensibilização de algumas superfícies. No século XIX, em seus primórdios, a invenção da fixação da imagem mecanicamente era um desafio para alguns inventores, ainda nem eram chamados de fotógrafos, pois esse produto ainda não era chamado de fotografia. Os desafios da ciência no século XIX colocavam em evidência a perspectiva de se criar produtos com a utilização das técnicas científicas.

### **Palavras finais**

A perspectiva de trabalhar com fotógrafos que atuaram fora dos grandes centros é uma possibilidade de entender a complexidade da cultura fotográfica, pois esta é extremamente diversificada, contemplando toda a prática de produzir, circular e consumir imagens em uma determinada sociedade. Estes fotógrafos que percorreram o interior do Brasil conseguiram captar imagens que revelam as diferentes formas de vivência dos atores sociais, em seus devidos contextos de pertencimento. A fotografia consegue nos trazer as diferentes formas de representação construídas historicamente, são dimensões da cultura que podem ser visualizadas, proporcionando o entendimento da tessitura social. A prática da fotografia, tanto nos estúdios quanto fora destes, é mais uma forma de abordagem social, pois estes fotógrafos têm uma forma específica de ver a sociedade, eles retratam os tipos sociais em seus diferentes cenários, muitas vezes estes cenários são mais reveladores do que o próprio retratado, é como se fosse uma extensão do olho, eles mostram um pouco a mais do que a cena propriamente planejada, nos trazem fragmentos das realidades.

A cultura fotográfica brasileira é composta pelas diferentes obras de fotógrafos que atuaram em todo o país, contribuíram para a construção da nossa visualidade, nos aproximando das nossas práticas sociais como também do próprio imaginário. As fotografias que podemos encontrar em instituições ou mesmo em acervos particulares, retratam dimensões extremamente significativas da cultura brasileira. Podemos constatar que em diferentes regiões tivemos a presença de fotógrafos, cada um com a sua especificidade, mas atuando na produção de imagens, isso demonstra que a cultura fotográfica realmente é uma dimensão da cultura brasileira. Com a atuação destes

fotógrafos itinerantes, podemos entender que a expansão da fotografia foi realmente espetacular, pois atingiu os segmentos que moravam distantes das cidades e que não tinham como frequentar os estúdios, então, muitas vezes, estes estúdios ao ar livre iam ao seu encontro. A própria história social da fotografia demonstra que os aperfeiçoamentos tecnológicos permitiram a expansão desta prática, e o fotógrafo profissional passou a conviver também com o fotógrafo amador, este último que atua mais nos espaços cotidianos da família, produzindo imagens em situações mais inéditas.

O fotógrafo formula o seu olhar inserido em uma determinada sociedade, suas imagens são representações que testemunham a atuação dos atores sociais em seu contexto de pertencimento. Portanto o olhar do fotógrafo é uma possibilidade de ver as singularidades destes atores, ele formula uma espécie de abordagem social, pois suas imagens revelam aquilo que não estamos acostumados a ver pelo simples olhar. Sendo assim, as imagens podem nos revelar perspectivas que atestam a diversidade da nossa cultura. A subjetividade do fotógrafo está expressa em suas imagens, pois cada um tem uma forma de abordagem que revela a sua forma de ver a própria realidade, mediado pelo saber fotográfico de uma determinada época. O importante para nós analisarmos é como o fotógrafo aborda a sociedade, se suas imagens conseguem nos trazer elementos singulares que atestam a diversidade da sociedade ou se seu olhar apenas registra aquilo que estamos acostumados a ver. Para finalizar salientamos que cada fotógrafo tem a sua contribuição para o processo de visualidade da sociedade, alguns com uma abordagem mais significativa que ficaram eternizados, outros em contextos mais distantes mas que contribuíram para a expansão da prática fotográfica e para a ampliação do olhar sobre a sociedade. Enfim podemos aproximar o fotógrafo do historiador pelo simples fato de ambos trabalharem com realidades.

## Referências

- BENJAMIM, Walter. Pequena história de La fotografia. In: *Discursos interrompidos*. Madrid: Taurus, 1975.
- BERGER, John. *About looking*. New York: Pahthoon Books, 1980.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *História & fotografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003
- CANABARRO, Ivo dos Santos. *A construção da cultura fotográfica no Sul do Brasil: imagens de uma sociedade de imigração*. Universidade Federal Fluminense (tese de doutorado), Niterói. RJ, 2004.
- CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. In: *Revista Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v XXXI, n. 2, p 23-39. Dez 2005.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos trinta: o caso do integralismo em Ijuí*. Ijuí, RS: UNIJUI, 2009.
- FABRIS, Annateresa. *Fotografia (usos e funções no século XIX)*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- FRIZOT, Michel (Org.). *Nouvelle histoire de la photographie*. Paris: Adan Biro/Larousse, 2001.
- FRIZOT, Michel. *Historie de voir: De l'invention a l'arte photographique (1839-1880)*. Paris: Nathan, 2001.
- KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. In: *ArtCultura*. Universidade Federal de Uberlândia, v.8, nº12. Jan-Jun. 2006.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. 2ªed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro; fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE, 1980.
- LE GOFF, Jacques. Mirages de l'histoire. In: *La Recherche Photographique*. Paris: Paris Audivisuel, nº18, 1995.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. In: *Revista tempo*. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará / Universidade Federal Fluminense, v.1, p.73-98, 1996.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo. ANPUH/ Humanitas Publicações, v.3. nº45, p.11-36, 2003.
- NORA, Pierre. Historiens photographes: voir et devoir. In: CAUJOLLES, Cristian (Org.). *Éthique, esthétique, politique*. Arles: Actes Sud, 1997.

- NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PROST, Antonie. Les acteurs dans l'histoire. In: BORBALAN, Jean-Claude Ruano (Org.). *L'histoire aujourd'hui*. Paris: Sciences Humaines Éditions, 1999.
- RIBEIRO, Solon. *Pequena história da fotografia popular*. Fortaleza: Imprensa Universitária, UFC, 1997.
- ROUILLÉ, André. *Les corps e son image*. Paris: Contrejour / Bibliothèque National de France, 1986.
- SAGNE, Jean. *L'Atelier Du photographe*. Paris: Presses de La Renaissance, 1984.
- SAMAIN, Etienne (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq, 1998.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TURAZZI, Maria Inez. Uma cultura fotográfica. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Nº27, Brasília: IPHAN, 1998.
- TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro: Funarte / Rocco, 1995.
- VASQUEZ, Pedro Karp. *A fotografia no Império*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2002.
- ZUANETTI, Rose, MARTINS, Nelson, REAL, Elizabeth (et.al). *Fotógrafo: o olhar, a técnica e o trabalho*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2002.